



## **A EUROPA, A MODERNIDADE E OS IDOSOS**

**João Manuel Duque**

Professor Catedrático da Universidade Católica Portuguesa

Pró-Reitor e Presidente do Centro Regional de Braga

**Resumo:** O autor analisa a situação dos idosos na sociedade europeia. A Europa foi o berço histórico da modernidade, mas, ao mesmo tempo, é considerada um continente envelhecido. O projeto moderno caracteriza-se pela eficácia produtiva, que o autor designa de princípio da *produtividade*, e pelo benefício individual ou grupal, designado princípio da *rentabilidade*. Estas características colocam os idosos numa posição paradoxal. Por um lado, os idosos revelam o que a modernidade, nomeadamente a ciência e a tecnologia, mas também o sistema produtivo e económico, conseguiram alcançar: que se viva muito mais tempo e com qualidade notável. Em sentido oposto, o processo de envelhecimento parece contradizer aqueles princípios. Diminui a eficácia produtiva, afetando o princípio da produtividade, e diminui o benefício da atividade, afetando claramente a rentabilidade. O envelhecimento parece contrário ao espírito moderno o que transforma os idosos num problema social e para si próprios.

**Palavras chave:** Europa, modernidade, envelhecimento, idosos.

## **EUROPE, MODERNITY AND THE ELDERLY**

**Abstract:** The author analyzes the situation of the elderly in European society. Europe was the historic cradle of modernity, but at the same time, it is considered an aging continent. The modern project is characterized by the productive efficiency, which the author calls the principle of productivity, and by the individual or group benefit, called the principle of profitability. These characteristics put the elderly in a paradoxical position. On the one hand, the elderly reveal what modernity, namely science and technology, but also the productive and economic system, have managed to achieve: that they live much longer and with remarkable quality. In the opposite, the aging process seems to contradict those principles. It decreases productive efficiency, affecting the principle of productivity, and decreases the benefit of the activity, clearly affecting profitability. Aging seems contrary to the modern spirit, which transforms the elderly in a social problem and for themselves.

**Key words:** Europe, modernity, aging, elderly.

*As sociedades modernas não conseguem colocar os idosos no seu centro, apenas na sua periferia, o que acaba por os enquadrar apenas como tolerados e não como fazendo parte ativa dos dinamismos sociais.*

Os três termos do título estão intimamente ligados. Nem será preciso grande explicação para essa ligação evidente. Mas parece-me conveniente recordar o óbvio, para iniciar algumas considerações sobre as consequências dessa relação.

De facto, a Europa terá sido o berço histórico daquilo que nos habituámos a chamar modernidade. Ao mesmo tempo, a Europa é considerada como um continente envelhecido, o que imediatamente evoca o significado dos idosos no contexto da organização social europeia. Convém, contudo, tratar cada um destes tópicos em si mesmo, para depois estabelecer uma ligação entre eles. Assumo que a abordagem proposta é unilateral, não levando em conta muito outros aspetos - eventualmente mais positivos.

Sendo normalmente assumido como nome para uma época histórica determinada, o conceito de modernidade é aqui tomado no seu significado mais vasto, correspondendo a um conjunto de formas de conceber o mundo e sobretudo de conceber a relação dos humanos com esse mundo, incluindo a relação dos humanos entre si. É certo que essa mundividência moderna - para simplificar - se desenvolveu na Europa a partir de determinado momento, nomeadamente no final da Renascença, e se foi implantando ao longo de alguns séculos, tendo-se alastrado depois ao resto do mundo, nomeadamente através das descobertas (nomeadamente portuguesas) que levaram a Europa ao exterior de si. Mas o que nos interessa, aqui, não é a análise histórica do seu desenvolvimento. O que importa é extrair, dos numerosos e complexos aspetos que a constituem, aqueles que podem ser férteis para o assunto que nos ocupa.

Sem pretensões de qualquer tipo de hierarquia, nem cronológica nem sequer de importância, diríamos que um dos primeiros aspetos da modalidade moderna de estar no mundo assenta na distinção entre sujeito e objeto, a que corresponde uma relação ao mundo ao mesmo tempo objetivante e subjetivante.

Aquilo que parece ser um paradoxo, constitui apenas duas faces da mesma moeda: na medida em que o mundo exterior ao sujeito é apropriado por este, é submetido às categorias subjetivas da experiência, ainda que seja no âmbito da experimentação científica. Essa submissão transforma, simultaneamente, o mundo exterior – incluindo os outros sujeitos – em objetos a ser apropriados como tal. Este modelo aplica-se a todos os elementos e a todos os aspectos do mundo.

A esta subjetivação objetivante corresponde a ideia de domínio da realidade, em função dos interesses do sujeito. Para realizar esse domínio, o sujeito precisa de uma correspondente capacidade, de certo poder sobre o mundo que lhe é exterior. E se esse sujeito poderoso pretende ser detentor de uma vontade livre, deve ter capacidade para afirmar essa vontade frente a um mundo que eventualmente se lhe oponha.

A este nível do poder e da vontade, desenvolvem-se duas categorias que serão essenciais para todo o projeto moderno: eficácia produtiva, a que podemos chamar princípio da *produtividade*, e benefício individual ou grupal, a que podemos chamar princípio da *rentabilidade*. O sujeito digno dos tempos modernos, para além de livre e capaz de usar a sua razão, deve ser eficaz na sua ação e deve conseguir que o efeito dessa ação reverta em benefício próprio.

A ideia mais básica - e certamente simplista - do que se passou a denominar capitalismo é uma das que melhor incarna este espírito de eficácia produtiva e de benefício ou rentabilidade individual. Destes seus aspetos fundamentais podem resultar outros - como o benefício comum do respetivo grupo, ou até da humanidade inteira - mas são já efeitos secundários dos seus princípios fundamentais.

Este espírito moderno da ação foi penetrando as mentalidades, sobretudo as mentalidades europeias, alastrando-se às norte-americanas. Aliás, esta expansão americana veio, em certa medida, até a agudizar o paradigma, na medida em que o El Dorado, ou a terra de todas as oportunidades ainda valorizou mais intensamente a eficácia e o benefício individual. E esse espírito teve, sem dúvida, enorme impacto no extraordinário desenvolvimento da Europa ao longo dos últimos séculos, nomeadamente a nível científico e tecnológico, com evidentes consequências sociais e económicas. Outras partes do mundo conheceram desenvolvimentos semelhantes, precisamente na medida em que

foram absorvendo os princípios modernos e euro-americanos da eficácia e do benefício individual.

Ao mesmo tempo, as estruturas coletivas, económicas, sociais e políticas, adequaram-se a esse paradigma, porque ele correspondia às convicções individuais de cada vez maior número de europeus. Embora com uma história complexa e até conturbada, nomeadamente através dos diversos movimentos socialistas, temos que admitir que estes elementos do espírito moderno se implantaram no fundo do nosso modo de ser, a ponto de avaliarmos a qualidade dos humanos pela eficácia daquilo que fazem e pelo êxito e resultados da sua ação, normalmente em benefício próprio.

Acontece que este modelo, devido sobretudo ao segundo aspeto – o do benefício individual ou rentabilidade - acaba por inevitavelmente promover a concorrência de todos com todos. Isso vai exigir, também inevitavelmente, eficácia ou produtividade máxima de cada sujeito e dos grupos - nomeadamente das empresas. O que, por um lado, promove a produção e o correspondente aumento da riqueza - o que constitui o principal argumento em favor do capitalismo. Mas, por outro lado, não tolera fraquezas.

É aqui que começamos a entrar no âmbito do terceiro termo do título - que precisamente parece deslocado na equação entre Europa e modernidade. É certo que, do ponto de vista demográfico, a Europa é o primeiro continente, na história da humanidade, a inverter a pirâmide de idades, devido a vários fatores, de que sobressaem a quebra da natalidade e o aumento notável da esperança de vida. Disso resulta o envelhecimento da população, com o predomínio da população idosa nas sociedades europeias, fenómeno que está a alastrar-se ao resto do globo, mas em grau ainda incomparável com o caso europeu. Nesse sentido, já do ponto de vista objetivo e mesmo quantitativo, o estatuto do idoso na sociedade europeia coloca-se de uma forma completamente inédita na história e no globo.

Mas essa questão ganha contornos especiais, se considerarmos conjuntamente o processo da modernidade. Nesse sentido, poderíamos dizer que a Europa é o palco de uma conjuntura nova em que os idosos, fruto das conquistas da modernidade, são muito mais numerosos e, ao mesmo tempo - também fruto do paradigma moderno de existência - se tornam altamente problemáticos, em si mesmos, para os outros e para si próprios.

Em si mesmos, os idosos são um caso paradoxal. Por um lado, revelam o que a modernidade, nomeadamente a ciência e a tecnologia, mas também o

sistema produtivo e económico, conseguiram alcançar: que se viva muito mais tempo, com qualidade notável; que se tenham menos filhos, o que em alguns aspetos é positivo. É claro que tudo isto tem o seu reverso direto, mas não vamos aqui concentrar-nos nesses aspetos. Vamos apenas concentrar-nos nos modos como os idosos, em si mesmos, são problemáticos. Antes de tudo, um idoso é a manifestação mais clara do processo humano do envelhecimento. É certo que esse processo começa muito cedo, mas é a partir de certa idade que a sua manifestação, aos olhos do próprio e aos olhos dos outros, se torna mais evidente. Podemos, pois, identificar o idoso com a revelação do processo humano de envelhecimento.

Ora, o processo de envelhecimento parece contradizer, em si mesmo - e salvo raríssimas exceções - os princípios modernos enunciados mais acima. Diminui a eficácia produtiva, afetando o princípio da produtividade, e diminui o benefício da sua atividade, afetando claramente a rentabilidade. Assim sendo, o envelhecimento parece contrário ao espírito moderno. É certo que é possível considerar outros modos de eficácia e de rentabilidade que podem desenvolver-se no contexto do envelhecimento, mas não é tendência da modernidade valorizar esses outros modos. Até porque um dos traços da modernidade, a acrescentar aos dois apresentados acima, é a valorização quase absoluta da novidade - de onde surge, precisamente, o nome “moderno”, praticamente equivalente a “novo”. Segundo esse modelo, desvaloriza-se a relação à tradição e ao passado, valorizando-se a relação ao progresso e ao futuro. Não é por acaso que, nesse contexto, surgiu uma valorização quase mítica da juventude, até à busca da eterna juventude, como máxima utopia de uma época. Correntemente, ser antigo ou antiquado significa, automaticamente, desvalorização desse modo de ser. E a inovação é o paradigma absoluto do caminho para o bem e a felicidade.

Se juntarmos o fascínio com a juventude à afirmação dos princípios da eficácia (cujo paradigma é a eficácia juvenil) e da rentabilidade, temos uma automática e inevitável desvalorização do idoso, em si mesmo considerado como inferior, decadente, precisamente em idade, eficácia e rentabilidade, em relação aos humanos em pleno vigor das suas capacidades - mesmo que seja muito difícil definir o que seja o pleno vigor das capacidades humanas.

Esta desvalorização do idoso, em si mesmo e por aquilo que é e representa no interior de um paradigma de existência, tem antes de tudo consequências nas estruturas das sociedades modernas - mais visivelmente nas sociedades

européias. As estruturas económicas, sobretudo, organizam-se de formam a poderem - e terem que - prescindir dos idosos, para manterem a sua capacidade de concorrência, através da eficácia rentável. As próprias estruturas políticas, embora em menor grau, seguem o mesmo modelo. Para não falar noutros âmbitos da vida, como o desporto, a moda, a comunicação, etc. que, por razões evidentes, funcionam sem idosos.

É certo que as sociedades modernas - sobretudo as sociedades europeias, aparentemente com maior consciência de solidariedade social - se organizaram para acolher os idosos em estruturas e em iniciativas criadas para o efeito. Mas estas não deixam de constituir uma certa forma de marginalização, uma vez que criam recantos sociais específicos, não favorecendo com isso a integração dos idosos no conjunto do dinamismo social quotidiano. A criação de “reservas” é sempre um sintoma para problemas inerentes e não resolvidos em qualquer sociedade. De certo modo, uma sociedade moderna assente na eficácia e na rentabilidade apenas consegue enquadrar os idosos como margem social, nunca no seu núcleo. Ou então, através das instituições que se lhes dedicam, transformar o cuidado dos idosos em mecanismo de novo eficaz e rentável, como é o caso de certos formatos da economia social. Mas aí, o que está no centro é a atividade dos jovens eficazes e rentáveis que trabalham com os idosos, e não os idosos considerados em si mesmos. Podemos, pois, dizer que, ao se concentrar na eficácia e na rentabilidade juvenil, as sociedades modernas não conseguem colocar os idosos no seu centro, apenas na sua periferia, o que acaba por os enquadrar apenas como tolerados e não como fazendo parte ativa dos dinamismos sociais. Os idosos tornam-se, assim, um problema para os outros – para os filhos, para os negócios, para a segurança social, para a economia de um país, para os políticos, etc. São um problema social, porque o modelo de sociedade em que se tornaram predominantes, paradoxalmente, é um modelo no qual eles não possuem lugar - apenas um lugar marginal, fora do centro. O que torna as sociedades europeias profundamente contraditórias - são sociedades que excluem de si mesmas uma parte da população que, devido também aos processos modernos, se tornou maioritária. Os idosos tornaram-se um problema para os outros.

Por último, os idosos parecem constituir um problema para si mesmos. E são-no sobretudo na sequência dos fatores referidos anteriormente. Eles mesmos, como filhos da modernidade, interiorizaram os valores da eficácia e da

rentabilidade, sentindo-se mal por não serem tão eficazes e rentáveis como seria de esperar. E, ao mesmo tempo, as estruturas sociais que os marginalizam chegam a convencê-los que não são mais do que margem, que não fazem parte séria e integrante da dinâmica social em que vivem. A aplicação a si mesmos dos mecanismos de exclusão social e de convicção - juntamente com os efeitos biológicos de uma idade avançada - acabam por provocar atitudes depressivo, que afetam muitos dos idosos europeus contemporâneos. A manifestação de certa vontade de morrer, por já não servirem para nada, precisamente por serem inúteis, torna-se frequente. O que levanta questões sérias, nomeadamente no que respeita ao problema do suicídio e da eutanásia. Mas este não é o local para desenvolver essas questões.

Para terminar estas provocações - intempestivas ou inatuais, no sentido de Nietzsche - gostaria apenas de relacionar o estatuto dos idosos na Europa atual com o estatuto do pobre. Parece estranho e mesmo pretensioso, contando-se os países da Europa entre os mais ricos do mundo. De facto, esta proposta não tem a pretensão de comparar, sequer, a “pobreza” dos idosos europeus com a miséria experimentada noutras partes do globo, nomeadamente por crianças. Seria ofensivo.

Assume-se aqui a categoria da pobreza como índice de marginalização. Pobre é todo aquele que é colocado à margem de qualquer sistema - neste caso, do moderno sistema social europeu. A marginalização do pobre europeu, enquanto idoso, assume dois aspetos, que simplisticamente poderíamos considerar em vertente positiva e em vertente negativa. Negativamente, o idoso marginalizado do sistema europeu provoca o sofrimento, como isolamento e também como depressão, naquele que é marginalizado. É, de facto, a experiência de muitos idosos europeus, mesmo que detentores de riqueza material significativa. É claro que há diferenças de oportunidades entre ricos e pobres, materialmente falando. Mas o sofrimento da marginalização que afeta o idoso tanto pode acontecer em ricos como em pobres, do ponto de vista material. Aliás, às vezes até acontece mais entre ricos, nesse sentido estrito do termo, uma vez que são mais atingidos pelo paradigma moderno da eficácia e da rentabilidade.

Por outro lado, a marginalização do pobre implica sempre uma relação crítica da margem em relação ao centro. Se o centro é marcado pela eficácia e a rentabilidade modernas, o pobre - neste caso o idoso - é sempre um sinal de contradição, uma rutura crítica em relação ao paradigma reinante. Talvez por isso



a sociedade europeia tente marginalizar e esconder os seus idosos: precisamente porque eles constituem a crítica permanente à validade do seu paradigma, uma areia na engrenagem que aparenta funcionar tão bem.

Será que as sociedades europeias têm suficiente consciência destas duas dimensões da marginalização dos idosos que se produz no seu seio? Não seria benéfico, para todos, assumir esse problema e enfrentá-lo séria e profundamente?